

## 6 Referências Bibliográficas

### 6.1 Bibliografia de Nelson Rodrigues

#### 6.1.1 Teatro

**Anti-Nelson Rodrigues.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004a.

**O Beijo no asfalto.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004b.

**Boca de ouro.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004c.

**Otto Lara Rezende ou bonitinha, mas ordinária.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004d.

**Perdoa-me por me traíres.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004e.

**Os sete gatinhos.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004f.

**Vestido de noiva.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004g.

**Teatro Completo** vol. 2: peças míticas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004h.

**Toda nudez será castigada.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004i.

**Viúva, porém honesta.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004j.

#### 6.1.2 Romances

**Asfalto Selvagem.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995a.

**O casamento.** São Paulo: Companhia das Letras, 1994a.

#### 6.1.3 Crônicas

**A cabra vadia.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995b.

**O óbvio ululante.** Rio de Janeiro: Agir, 2007.

**O remador de Ben-hur.** São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

**O reacionário.** Rio de Janeiro: Record, 1977.

**À sombra das chuteiras imortais.** São Paulo: Companhia das Letras, 1994b.

#### **6.1.4 Memórias**

**A menina sem estrela.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

#### **6.1.5 Contos**

**A vida como ela é: o homem fiel e outros contos.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995c.

**Pouco amor não é amor.** São Paulo Companhia das Letras, 2002.

#### **6.1.6 Coletâneas**

**O Baú de Nelson Rodrigues.** São Paulo: Companhia das Letras, 2004l.

**Flor de obsessão: As 1000 melhores frases de Nelson Rodrigues.** São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

#### **6.1.7 Artigos**

Teatro desagradável. **Dyonisos.** Rio de Janeiro: SMT-MEC, 1949.

#### **6.1.8 Depoimentos**

**Depoimentos V.** Rio de Janeiro: Serviço Nacional do Teatro, 1981.

### 6.1.9 Entrevistas

- AUTRAN, M. **O Globo**, Segundo Caderno. Rio de Janeiro, 26 de março de 1973.
- CORREA, V. B. Nelson Rodrigues: A censura me discrimina. **O Estado de São Paulo**, Suplemento Literatura. São Paulo, 10 de setembro 1978.
- Entrevista concedida à Neila Tavares. s/l: s/d.
- GABAGLIA, M. J. Nelson Rodrigues: O homem tem é que andar de quatro. **Última Hora**. Rio de Janeiro, 1976.
- NETO, G. M. Diálogo: Nelson Rodrigues & Otto Lara Rezende. **Jornal do Brasil**, Caderno B Especial. Rio de Janeiro, 26 de fevereiro de 1989.
- Playboy entrevista Nelson Rodrigues. **Playboy**. São Paulo, 1979.

### 6.2 Bibliografia sobre Nelson Rodrigues

- CASTRO, R. **O anjo pornográfico**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- FACINA, A. **Santos e Canalhas**: Uma análise antropológica da obra de Nelson Rodrigues. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.
- FIGUEIREDO, W. Depoimento. [www.nelsonrodrigues.com.br](http://www.nelsonrodrigues.com.br).
- GRÜNEWALD, J. L. Confissões de um cinéfilo relutante. **Filme Cultura**. s/l, 1973.
- JABOR, A. Álbum de Família. In: RODRIGUES, N. **Teatro Completo** vol. 2: peças míticas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004h.
- \_\_\_\_\_. O óbvio ululante é a descoberta. Folha de São Paulo, Caderno Mais. São Paulo, 22 de março de 1992.
- LOPES, A. L. **Nelson Rodrigues: trágico, então moderno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.
- MAGALDI, S. **Nelson Rodrigues, dramaturgia e encenações**. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- MARQUES, F. Um teatro Hiperbólico. In: **Cult**. São Paulo, dezembro de 2000.
- PEREIRA, V. H. A. **Nelson Rodrigues e a Obs-Cena Contemporânea**. Rio de Janeiro: UERJ, 1999.
- RODRIGUES, S. A vida como ela era. **Veja Rio**. Rio de Janeiro, 1992.

SUSSEKIND, Flora. Nelson Rodrigues e o Fundo Falso. **I Concurso Nacional de Monografias do Serviço Nacional de Teatro**. Brasília: MEC, FUNARTE, Serviço Nacional de Teatro, 1981.

VOGT, C.; WALDMAN, B. **Nelson Rodrigues**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

XAVIER, I. Anatomia da decadência. In: **Cult**. São Paulo, dezembro de 2000.

### 6.3 Teses e Dissertações

AZEVEDO, J. C. **O Camaleão diante do Arco-Íris**: A denegação do mau gosto em Nelson Rodrigues. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras, PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2002.

BATALHA, M. C. **Nelson Rodrigues: O Melhor Personagem da Obra Rodrigueana**. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras, PUC-Rio, Rio de Janeiro, 1995.

COSTA, T. L. **Confissões/Ficções de Nelson Rodrigues**. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Comunicação, PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2007.

OITICICA, R. B. R. **Nelson Rodrigues, o bobo da corte de Médici**. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras, PUC-Rio, 1988.

QUENTAL, I. B. **Flor de Obsessão**: as reportagens policiais do jovem Nelson Rodrigues. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras, PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2005.

ZANNI, G. **Confissões na imprensa**: um novo momento da crônica em Nelson Rodrigues. Dissertação de mestrado, Faculdade de Comunicação, UFRGS, Rio Grande do Sul, 2004.

XAVIER, R. A. **O Rio como ele é...** Nelson Rodrigues: sensação e percepção. Dissertação de Mestrado, Faculdade de História, PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2005.

### 6.4 Bibliografia Geral

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ASSIS, M. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, s/d.

- ALENCAR, J. **Lucíola**. São Paulo: Martin Claret, 2005.
- ARTAUD, A. O teatro e a peste. In: **O teatro e seu duplo**. Martins Fontes, 2006.
- BAKHTIN, M. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Tradução Paulo Bezerra. 3. ed. São Paulo: Forense Universitária, 2005.
- \_\_\_\_\_. **A Teoria do Romance**. São Paulo: Unesp, 1988.
- BARDIAEFF, N. **O Espírito de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Panamericana, s/d.
- BARTHES, R. **Crítica e verdade**. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- BEZERRA, P. Um romance profecia. In: DOSTOIÉVSKI, F. M. **Os demônios**. São Paulo: 34, 2004.
- BÍBLIA. In: <http://www.bibliaonline.com.br>.
- BLOOM, H. **O Cânone Ocidental: os livros e a escola do tempo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- BORGES, J. L. A Biblioteca de Babel. In: **Ficções**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- \_\_\_\_\_. **História da eternidade**. Rio de Janeiro: Globo, 1998.
- BRANDÃO, J. S. **Mitologia Grega – Vol. III**. Petrópolis: Vozes, 1989.
- BRUM, J. T. **O pessimismo e suas vontades: Schopenhauer e Nietzsche**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- CAMUS, A. **O mito de Sísifo**. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- COETZEE, J. M. **Diário de um ano ruim**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- DELEUZE, G. **Crítica e Clínica**. São Paulo: 34, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Nietzsche e a Filosofia**. Rio de Janeiro: Rio, 1976.
- DOSTOIÉVSKI, F. M. **Crime e castigo**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1961.
- \_\_\_\_\_. **Os demônios**. São Paulo: 34, 2004.
- \_\_\_\_\_. **O Idiota**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1961a.
- \_\_\_\_\_. **Memórias do subsolo**. São Paulo: 34, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Os Irmãos Karamázov**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1961b.
- FIGUEIREDO, W. Depoimento. In: [www.nelsonrodrigues.com.br](http://www.nelsonrodrigues.com.br)
- FRANK, J. **Dostoiévski 1860-1865: os efeitos da libertação 1860-1865**. São Paulo: Edusp, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Dostoiévski 1865-1871: os anos milagrosos**. São Paulo: Edusp, 2003.
- FREYRE, G. **Casa-Grande & senzala: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1984.

- \_\_\_\_\_. **Sobrados e mucambos**. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- FREUD, S. **Edição Eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**: versão 2.0 – CDROM. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- GROTOWSKI, J. **Em busca de um teatro pobre**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.
- JENNY, L. A estratégia da forma. In: **Poétique**. Coimbra: Almedina, 1979.
- JUNG, C. G. Tipos Psicológicos. In: **Obras Completas**: vol. VII. Petrópolis: Vozes, 1991.
- KIERKEGAARD, S. **O Desespero humano**. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- LEITE, L. C. **O foco narrativo**. São Paulo: Ática, 1987.
- LIMA, L. C. Persona e sujeito ficcional. In: **Pensando nos trópicos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.
- MAIA, M. W. T. **A outra face do nada**: sobre o conhecimento metafísico na estética de Arthur Schopenhauer. Petrópolis: Vozes, 1981.
- MANN, T. **Schopenhauer**. s/l, s/e, s/d.
- MARTIN-BARBERO, J. **Dos Meios às Mediações**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.
- MEYER, Marlyse. **Folhetim**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- MONESTIER, M. **Faits-divers**: encyclopédie contemporaine cocasse et insolite. Paris: Le Cherche Midi, 2004.
- NIETZSCHE, F. **Assim Falou Zarathustra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.
- \_\_\_\_\_. **O Nascimento da Tragédia: ou helenismo e pessimismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- PASCAL, B. **Pensamentos**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- PERRONE-MOISÉS, L. Lição de casa. In: **Aula**. São Paulo: Cultrix, 2002.
- PONDÉ, L. F. **Crítica e Profecia**: a filosofia da religião em Dostoiévski. São Paulo: 34, 2003.
- PROUST, M. **Em busca do tempo perdido**: no caminho de Swann — vol. 1. Rio de Janeiro: Globo, 2006.
- ROSENFELD, A. Reflexões sobre o romance moderno. In: **Texto/Contexto**. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- ROSSET, C. Prefácio. In: BRUM, J. T. **O pessimismo e suas vontades**: Schopenhauer e Nietzsche. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

- SANT'ANNA, A. R. Sobre a crônica. Entrevista à Editora Rocco, 1995. In: <http://www.geocities.com/Pipeline/Ramp/5062/entrev02.htm>.
- SCHNAIDERMAN, B. Prefácio do tradutor. In: DOSTOIÉVSKI, F. M. **Memórias do subsolo**. São Paulo: 34, 2000.
- SCHOPENHAUER, A. **Aforismos para a sabedoria na vida**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- \_\_\_\_\_. *A arte de insultar*. São Paulo: 2003, Martins Fontes.
- \_\_\_\_\_. **Como vencer um debate sem precisar ter razão: em 38 estratégias** (dialética erística). Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.
- \_\_\_\_\_. **As Dores do Mundo**. Rio de Janeiro: Tecnoprint, s/d.
- \_\_\_\_\_. **Metafísica do amor, metafísica da morte**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Metafísica do belo**. São Paulo: UNESP, 2003.
- \_\_\_\_\_. **O Mundo como Vontade e Representação**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Da Necessidade Metafísica**. Lisboa: Inquérito, s/d.
- \_\_\_\_\_. **Sobre o fundamento da moral**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Sobre la voluntad em la naturaleza**. Madrid: Alianza, 1982.
- SCHUDSON, M. **Discovering the News: a Social History of American Newspapers**. New York: Basic Books, 1978.
- SODRÉ, M. **Reinventando a cultura**. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.
- SODRÉ, N. W. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Mauad, 1998.
- TCHEKHOV, A. **O assassinato e outras histórias**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.
- TOLSTÓI, L. **As obras primas de Leon Tolstói**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.
- TUCHMAN, G. A objetividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objetividade dos jornalistas. In: **Jornalismo: questões, teorias e estórias**. Lisboa: Vega, 1993.
- VOLPI, F. **O Nihilismo**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- XAVIER, I. **O olhar e a cena**. Rio de Janeiro: Cosac & Naify, 2003.
- WAINER, Samuel. **Minha razão de viver: memórias de um repórter**. Rio de Janeiro: Record, 1988.

## 7 Anexos

### 7.1

#### Thomas Mann – *Schopenhauer*

“(A) inteligência não é o produto da vontade, seu instrumento, sua luz na escuridão, a serva que lhe foi reservada? É assim e assim continua. Nem sempre, porém, nem em todos os casos. Em circunstâncias particularmente felizes — oh! pode-se mesmo dizer bem-aventuradas — em circunstâncias excepcionais por consequência, esse criado que é o intelecto, esse pobre servente pode tornar-se mestre de seu mestre; pode pregar-lhe uma peça, emancipar-se, tornar-se autônomo e, ao menos durante algum tempo, estabelecer sobre o mundo sua soberania benfazeja de bondade e de luz, na qual, despojada de seu poder e de sua influência, a vontade cede à doçura dum delicioso aniquilamento. Há um estado em que esse milagre se realiza: o conhecimento se separa violentamente da vontade, o sujeito deixa de ser um simples indivíduo, tornando-se, puro e sem vontade, o sujeito do conhecimento. Chama-se-lhe estado *estético*. É uma das maiores e mais profundas experiências de Schopenhauer. Tanto dispõe o filósofo de acentos medonhos para descrever os tormentos que a dominação do querer acarreta, quanto sua prosa encontra tons seráficos e sua gratidão transborda e se derrama quando (...) fala nas bênçãos da *Arte*. Interpretou esta experiência, uma das mais pessoais talvez de sua vida, e lhe deu forma como discípulo de Platão e de Kant. Este definira o belo ‘o que apraz *de maneira desinteressada*’. Para Schopenhauer isso significa acertadamente: sem relação com a vontade. O prazer estético seria puro, desinteressado, livre do querer; seria ‘representação’, no sentido mais forte e mais sereno, contemplação clara, imperturbada, cheia de calma. E por que seria? Aqui, Platão deve vir-lhe em ajuda, Platão e o ‘esteticismo’ latente de sua doutrina das Idéias. As Idéias! Foram elas que, no estado estético, tornaram visíveis, através dos fenômenos, essas cópias da eternidade; o olhar direto que nelas incidisse seria a contemplação objetiva, pura,

larga, luminosa como o sol, da qual só (...) seria julgado digno (...) quem soubesse acolher e gozar a obra estética.

Apoio que vê longe, o Deus das Musas, é um Deus do afastamento e da distância; não é o da confusão, das ‘pathos’ e da patologia, nem do sofrimento, mas da liberdade, um Deus objetivo, o Deus da Ironia. Por esta, como viu Schopenhauer, pela objetividade genial, o conhecimento seria, pois, arrancado à escravidão da vontade; a atenção deixaria, enfim, de ser perturbada por qualquer móvel da vontade; nós nos abandonaríamos e as coisas não seriam mais objetos da vontade, mas simples objetos da representação: um repouso até então desconhecido ser-nas-ia afinal oferecido. (...) ‘É o estado sem dor que Epicuro celebrava como o maior dos bens e como condição dos deuses; nesse instante, nós nos libertamos da necessidade desprezível de querer, celebramos o *sabbat* dos trabalhos forçados da vontade, a roda de Ixion pára’. Palavras célebres, tantas vezes citadas. O belo e o alívio imenso que o contemplá-lo proporciona arrancaram-nas a essa alma amarga e atormentada. Serão verdadeiras?

Mas que é a verdade? Uma experiência vivida que encontra tais palavras é verdadeira; justifica-se pela força do sentimento. Dever-se-ia crer, talvez, que essas palavras dum reconhecimento total e ilimitado foram escritas para caracterizar uma felicidade relativa e que seria ainda puramente negativa? Porque, de maneira geral, a felicidade, simples suspensão duma tortura, é negativa; e não é de outro modo para quem procura a contemplação estética das Idéias, para a objetividade que acalma o querer, como o provam, aliás, sem dúvida possível, as imagens que essa felicidade inspira a Schopenhauer.” (s/d, 11-13).

## 7.2

### Thomas Mann – *Schopenhauer*

“Dizes sim a um, especialmente por tua própria conta, e repudias ao outro, sobretudo no que te diz respeito. A vontade, que é tua origem e tua essência, faz-te aspirar à felicidade, às alegrias e aos prazeres da vida; estendes para ela as mãos, apertadas com força contra teu peito; e esquece-te de que, admitindo assim a vontade, admites também todos os tormentos do mundo e os apertadas contra ti. O que, ao mesmo tempo, tu fazes de mau, o mal que cometes, tua revolta contra a

injustiça da vida, e também a inveja, a aspiração e o **desejo** (grifos nossos), a tua cobiça do mundo, tudo isso provém da ilusão da multiplicidade, deste erro, que tu não és o mundo e o mundo não é tu. Sim, tudo isso vem desta diferença entre ‘eu’ e ‘tu’, que não é mais que uma ilusão, a ilusão de Maya. Vem daí igualmente teu medo da morte. A morte não é mais que a supressão dum erro, dum descaminho, porque cada individuação é um descaminho. Não é mais que o desaparecimento duma parede imaginária que separa o resto do mundo o eu, em que tu te achas encerrado. Crês que, à tua morte, este resto do mundo continuará a existir, ao passo que tu — horrível pensamento! — não existirás mais. Ora, eu te digo: este mundo, que é tua representação, não será mais: mas tu (mais exatamente: aquilo que, em ti, teme a morte, que não a quer, porque é a vontade de viver), tu permanecerás, viverás, porque a vontade, que é a tua substância, poderá sempre encontrar o caminho da vida. Não te pertence toda a eternidade? E com a vida, que para esta não é mais que um tempo, quando, na verdade, ela é contínua presença, de novo o tempo te será dado em partilha. À tua vontade está assegurada a vida, com todas as suas alegrias e todos os seus tormentos, durante o tempo que ela a quiser. Melhor seria para ti que ela não a quisesse. Esperando, vives tal qual és. Vês e amas, olhas e desejas, cobiças a imagem que te é estranha, tão estranha, tão outra, diferente de ti sofres por isso, queres atraí-la a ti, em ti, ser ela. Mas ser uma coisa não é vê-la; para isso muito falta; é incomparavelmente mais penoso e mais lamentável. O desejo é um logro causado pela representação. Tu és dado a ti mesmo, teu corpo te é dado a princípio como representação, assim como tudo o resto do mundo, mas ao mesmo tempo como vontade, e é a única coisa no mundo que te foi dada também como vontade. Tudo o mais não é para ti senão representação. O mundo inteiro parece-te um bailado, um espetáculo, ao qual o teu primeiro e natural julgamento está longe de atribuir tamanha realidade quanto a ti, o espectador; estás longe de torná-lo tão a sério quanto a ti, no mesmo grau e com o mesmo sentido. Ao Eu, escravo do princípio de individuação, envolto no véu de Maya, todos os outros seres aparecem como máscaras e fantasmas, aos quais não está absolutamente em condições de atribuir uma existência tão importante e tão séria quanto a tua mesma. Só tu importas, não é? Único ser real. Tu és o centro do mundo, e tudo conspira para teu bem-estar, para, no máximo possível, afastar de ti os sofrimentos da vida, para te procurar profusão de felicidades. O que aos outros acontece é duma importância incomparavelmente

menor, não te faz bem nem mal. Tal é o ponto de vista do egoísmo natural, inteiro e inteiramente cego, o aprisionamento sem remissão no princípio de individuação. Penetrar com o olhar esse princípio, penetrar por intuição seu caráter enganador, que vela a verdade, pressentir confusamente que não há diferença entre Eu e Tu, ter o sentimento de que por tudo e em todos os seres não há mais que uma só e mesma vontade, é o começo e a essência de toda ética. O mau é aquele que, desde que nenhuma força exterior o impeça, comete o mal, isto é, um homem que não se contenta com afirmar a vontade de viver tal qual aparece em seu corpo, mas, além disso, nega a que aparece nos outros e se esforça por aniquilar-lhes a existência, desde que entrave o caminho aos esforços de sua própria vontade. No **caráter mau** exprime-se uma vontade imperiosa, que ultrapassa a afirmação de seu próprio corpo, mas, sobretudo, uma profunda impotência do conhecimento para se libertar das aparências assim como do princípio de individuação, a ponto de se manter duro como o ferro na diferença que este princípio estabelece entre sua própria pessoa e todas as outras; é precisamente porque considera a essência das outras inteiramente estranha à sua, separada dela por um abismo, e porque nelas não vê, no sentido literal da palavra, mais que máscaras vazias, atribuindo-se, com a mais profunda convicção, a única realidade que exista.

A **bondade** é positiva. Faz obra de amor. Age, assim, por uma razão que sente profundamente: se não o fizesse, julgar-se-ia semelhante a um homem que jejuasse hoje a fim de ter amanhã mais do que pode consumir. É exatamente assim que pensaria o ‘homem de bem’, se deixasse os outros na indigência, enquanto ele próprio vivesse na abundância. Para ele, o véu de Maya tornou-se transparente; desapareceu a grande ilusão que dá à vontade dispersa nos fenômenos a aparência de gozar aqui e sofrer ali, quando é sempre a mesma vontade e o mesmo tormento que ela causa e sofre ao mesmo tempo. O amor e a bondade são **compaixão**, nascida do conhecimento do ‘Tat twan asi’, do ‘Isto, és tu’, do gesto que levanta o véu de Maya. Já o dissera Spinoza: ‘Benevolentia nihil aliud est, quam cupiditas ex commiseratio orta’, ‘a bondade não é mais que o amor nascido da compaixão’. Mas daí resulta claramente que, se a **justiça** se ergue até à vontade, pode esta por sua vez se alçar ainda, não somente até ao amor mais desinteressado e ao mais generoso sacrifício, mas na verdade, até à santidade. Porque, quando um homem chegou a tal conhecimento do amor, considera o sofrimento de tudo que vive como o seu e se apropria da dor do mundo inteiro. Vê o Todo. A vida, contradição

interna da vontade e sofrimento que não cessa. A humanidade sofredora, a animalidade sofredora, e o conhecimento da coisa em si torna-se para ele um alívio do querer. Nele, a vontade se desviara da vida, porque, já que a sua **compaixão** refletida o obriga a negá-la, como poderia aprovar ainda, compreendendo aí a si próprio, o querer viver, de que a vida é a obra, a expressão e o espelho? A resolução que, chegado a tal compreensão, toma um homem é a da renúncia, da resignação, da suprema impassibilidade. Nele se realiza a passagem da virtude para o nobre paradoxo da **ascese**, um grande paradoxo, na verdade; porque acontece então que uma individuação da vontade renega o ser que nela aparece e que se exprime por seu corpo, que seus atos desmentem sua aparência e entram em luta aberta com ela.” (ibid., 16-19).

### 7.3

#### **Machado de Assis – *O Delírio In: Memórias Póstumas de Brás Cubas***

“— Chama-me Natureza ou Pandora; sou tua mãe e tua inimiga.

Ao ouvir esta última palavra, recuei um pouco, tomado de susto. A figura soltou uma gargalhada, que produziu em torno de nós o efeito de um tufão; as plantas torceram-se e um longo gemido quebrou a mudez das coisas externas.

— Não te assustes, disse ela, minha inimizade não mata; é sobretudo pela vida que se afirma. Vives: não quero outro flagelo.

— Vivo? perguntei eu, enterrando as unhas nas mãos, como para certificar-me da existência.

— Sim, verme, tu vives. Não receies perder esse andrajo que é teu orgulho; provarás ainda, por algumas horas, o pão da dor e o vinho da miséria. Vives: agora mesmo que ensandeceste, vives; e se a tua consciência reouver um instante de sagacidade, tu dirás que queres viver.

Dizendo isto, a visão estendeu o braço, segurou-me pelos cabelos e levantou-me ao ar, como se fora uma pluma. Só então pude ver-lhe de perto o resto, que era enorme. Nada mais quieto; nenhuma contorsão violenta, nenhuma expressão de ódio ou ferocidade; a feição única, geral, completa, era a da impassibilidade egoísta, a da eterna surdez, a da vontade imóvel. Raivas, se as

tinha, ficavam encerradas no coração. Ao mesmo tempo, nesse rosto de expressão glacial, havia um ar de juventude, mescla de força e viço, diante do qual me sentia eu o mais débil e decrépito dos seres.

— Entendeste-me? disse ela, no fim de algum tempo de mútua contemplação.

— Não, respondi; nem quero entender-te; tu és absurda, tu és uma fábula. Estou sonhando, decerto, ou, se é verdade que enlouqueci, tu não passas de uma concepção de alienado, isto é, uma coisa vã, que a razão ausente não pode reger nem palpar. Natureza, tu? A Natureza que eu conheço é só mãe e não inimiga; não faz da vida um flagelo, nem, como tu, traz esse rosto indiferente, como o sepulcro. E por que Pandora?

— Porque levo na minha bolsa os bens e os males, e o maior de todos, a esperança, consolação dos homens. Tremes?

— Sim; o teu olhar fascina-me.

— Creio; eu não sou somente a vida: sou também a morte, e tu estás prestes a devolver-me o que te emprestei. Grande lascivo, espera-te a voluptuosidade do nada.

Quando esta palavra ecoou, como um trovão, naquele imenso vale, afigurou-se-me que era o último som que chegava a meus ouvidos; pareceu-me sentir a decomposição súbita de mim mesmo. Então, encarei-a com olhos súplices, e pedi mais alguns anos.

— Pobre minuto! exclamou. Para que queres tu mais alguns instantes de vida? Para devorar e seres devorado depois? Não estás farto do espetáculo e da luta? Conheces de sobejo tudo o que eu te deparei menos torpe ou menos aflitivo: o alvor do dia, a melancolia da tarde, a quietação da noite, os aspectos da terra, o sono, enfim, o maior benefício das minhas mãos. Que mais queres tu, sublime idiota?

— Viver somente, não te peço mais nada. Quem me pôs no coração este amor da vida, senão tu? E, se eu amo a vida, por que te hás de golpear a ti mesma, matando-me?

— Porque já não preciso de ti. Não importa ao tempo o minuto que passa, mas o minuto que vem. O minuto que vem é forte, jucundo, supõe trazer em si a eternidade, e traz a morte, e perece como o outro, mas o tempo subsiste. Egoísmo, dizes tu? Sim, egoísmo, não tenho outra lei. Egoísmo, conservação. A onça mata o

novilho porque o raciocínio da onça é que ela deve viver, e se o novilho é tenro tanto melhor: eis o estatuto universal. Sobe e olha.

Isto dizendo, arrebatou-me ao juto de uma montanha.

Inclinei os olhos a uma das vertentes, e contemplei, durante um tempo largo, ao longe, através de um nevoeiro, uma coisa única. Imagina tu, leitor, uma redução dos séculos, e um desfilar de todos eles, as raças todas, todas as paixões, o tumulto dos impérios, a guerra dos apetites e dos ódios, a destruição recíproca dos seres e das coisas. Tal era o espetáculo, acerbo e curioso espetáculo. A história do homem e da terra tinha assim uma intensidade que lhe não podiam dar nem a imaginação nem a ciência, porque a ciência é mais lenta, e a imaginação mais vaga, enquanto que o que eu ali via era a condensação viva de todos os tempos. Para descrevê-la seria preciso fixar o relâmpago. Os séculos desfilavam num turbilhão, e, não obstante, porque os olhos do lírio são outros, eu via tudo o que passava diante de mim, flagelos e delícias, — desde essa coisa que se chama glória até essa outra que se chama miséria, e via o amor multiplicando a miséria, e via a miséria agravando a debilidade. Aí vinham a cobiça que devora, a coleta, que inflama, a inveja que baba, e a enxada e a pena, unidas de suor, e a ambição, a fome, a vaidade, a melancolia, a riqueza, o amor, e todos agitavam o homem, como um chocalho, até destruí-lo, como um farrapo. Eram as formas várias de um mal, que ora mordía a víscera, ora mordía o pensamento, e passeava eternamente as suas vestes de arlequim, em derredor da espécie humana. A dor cedia alguma vez, mas cedia à indiferença, que era um sono sem sonhos, ou ao prazer, que era uma dor bastarda. Então o homem, flagelado e rebelde, corria diante da fatalidade das coisas atrás de uma figura nebulosa e esquiva, feita de retalhos, um retalho de impalpável, outro de improvável, outro de invisível, cosidos todos a ponto precário, com a agulha da imaginação; e essa figura, — nada menos que a quimera da felicidade, — ou lhe fugia perpetuamente, ou deixava-se apanhar pela fralda, e o homem a cingia ao peito, e então ela ria, como um escárnio, e sumia-se, como uma ilusão.

Ao contemplar tanta calamidade, não pude reter um grito de angústia, que Natureza ou Pandora escutou, sem protestar nem rir; e não sei por que lei de transtorno cerebral, fui eu que me pus a rir, — de um riso descompassado e idiota.

— Tens razão, disse eu, a coisa é divertida e vale a pena — talvez monótona — mas vale a pena. Quando Jó amaldiçoava o dia em que fora concebido, e

porque lhe davam ganas de ver cá de cima o espetáculo. Vemos lá, Pandora, abre o ventre, e digere-me; a coisa é divertida, mas digere-me.

A resposta foi compelir-me fortemente a olhar para baixo, e a ver os séculos que continuavam a passar, velozes e turbulentos, as gerações que se superpunham às gerações, umas tristes, como os Hebreus do cativeiro, outras alegres, como os devassos de Cômodo, e todas elas pontuais na sepultura. Quis fugir, mas uma força misteriosa me retinha os pés; então disse comigo: — ‘Bem, os séculos vão passando, chegará o meu, e passará também, até o último, que me dará a decifração da eternidade’. E fixei os olhos, e continuei a ver as idades, que vinham chegando e passando, já então tranqüilo e resoluto, não sei até se alegre. Talvez alegre. Cada século trazia a sua porção de sombra e de luz, de apatia e de combate, de verdade e de erro, e o seu cortejo de sistemas, de idéias novas, de novas ilusões; em cada um deles rebentavam as verduras de uma primavera e amareleciam depois, para remoçar mais tarde. Ao passo que a vida tinha assim uma regularidade de calendário, fazia-se a história e a civilização, e o homem, nu e desarmado, armava-se e vestia-se, construía o tugúrio e o palácio, a rude aldeia e Tebas de cem portas, criava a ciência, que perscruta, e a arte que enleva, fazia-se orador, mecânico, filósofo, corria a face do globo, descia ao ventre da terra, subia à esfera das nuvens, colaborando assim na obra misteriosa, com a que entretinha a necessidade da vida e a melancolia do desamparo. Meu olhar, enfarado e distraído, viu enfim chegar o século presente, e atrás dele os futuros. Aquele vinha ágil, destro, vibrante, cheio de si, um pouco difuso, audaz, sabedor, mas ao cabo tão miserável como os primeiros, e assim passou e assim passaram os outros, com a mesma rapidez e igual monotonia. Redobrei de atenção; fitei a vista; ia enfim ver o último, — o último!; mas então já a rapidez da marcha era tal, que escapava a toda a compreensão; ao pé dela o relâmpago seria um século. Talvez por isso. Entraram objetos a trocarem-se; uns cresceram, outros minguaram, outros perderam-se no ambiente; um nevoeiro cobriu tudo, — menos o hipopótamo que ali me trouxera, e que aliás começou a diminuir, a diminuir, a diminuir, até ficar do tamanho de um gato. Era efetivamente um gato. Encarei-o bem era o meu gato Sultão, que brincava à porta da alcova, com uma bola de papel...” (s/d, 47-50).

## 7.4

### **Nelson Rodrigues – *O Artista In: O Baú de Nelson Rodrigues***

“O artista tem (...) em seu poder, nas mãos de sua fantasia ardente e ampla, todo o mundo. Dentro do crânio colossal, existem alvoradas ou apoteóticas, ou doentias, dentro do crânio, manhãs fecundas e luminosas, fortes e atléticas, nuas e resplandecentes, gritam a glória da força e da liberdade; dentro do crânio clamam mares; azuis, mansos, lisos, ou desvairados e torvos; e a noite apaga o sol e entra envolta em labaredas brancas; e os mistérios trágicos dos abismos e das florestas maviosas, seduzem e empolgam. E os trovões rolando em explosões formidáveis, e os raios rasgando as entranhas dos infinitos com golpes luminosos; e crateras troando num clamor de fogo e de lavas dentro do crânio de artista, arqueja, desvairaria, impreca e se aquietam e tranqüilizam todos os elementos do Cosmos; dentro do crânio passam os séculos, a humanidade arqueja no crânio aflito do artista.

Entretanto, ele não tem nada no mundo. Seu cérebro guarda tesouros, é de uma amplitude infinita e contém astros e o tudo. Mas essas riquezas, essas posses são subjetivas. São riquezas resplandecentes e inesgotáveis, mas são riquezas afeiçoadas e conseguidas pela fantasia. Existem realmente. Tem todos os brilhos e todas as referências. Elas, porém não estão senão na vida interior. A vida e o mundo exteriores, as algibeiras ainda não o obtiveram. Obteve-a, simplesmente, um crânio. Na prática não dispõe de mínima utilidade.

O artista é um louco.

Vive em intérmina luta contra si mesmo. Na sua alma, há um atrito espantoso; atrito dos sentimentos antagônicos. Ele é o produto de inúmeras causas diferentes e obscuras. Sua personalidade é a junção de várias personalidades.

É antes de tudo, a vítima de uma ascendência impura. Seus descendentes deram-se a todos os vícios. (...) Isso, mais tarde, veio refletir sobre ele.

Nasceu já com regular quantidade de taras. (...) Não pode desviar-se da fatalidade patológica. (...) Os mais remotos ascendentes volvem-se a ele e transmitem-lhe todas as feridas. Não pode deixar de ser o que é: um histérico, um desequilibrado, um alucinado.

O artista não pode ser normal. Não pode ser um indivíduo de cérebro são e honesto. O homem comum ama o dinheiro e o luxo.

(...) São raros os artistas. Os espíritos que nascem com predestinação exclusiva para a arte (...).

(...) Ele vê que o destino trágico o colherá, caso não fique solidário com os anelos metálicos da alma universal. Será um perseguido, um escarnecido; um odiado e, em suma, uma besta!

Na rua, os transeuntes, alarmados, vão apontá-lo como um facínora sanguinolento, como um criminoso atroz, cujo contato deve ser repellido e repugnado pelos homens honestos, filhos da sã moral.

Assim, só um louco pode ser um artista. Só uma vítima de tresvarios alucinantes...

Por isso é que é um anormal, uma sensibilidade oposta à sensibilidade comum.

O louco é um destituído de prudência, de senso, de percepção.

O artista é o maior desgraçado. Ele não encontra amigos, nem solidariedades. Só vê, a seu redor, sobrolhos franzidos, olhares desconfiados e oblíquos.

(...) Será incapaz dum trabalho definitivo. (...) É um fracassado.

Está fora do mundo. Vive noutra mundo: no mundo subjetivo. A sua alma é um mundo. As observações e os cenários que fez ou fixou, ele transporta ao espírito. Tanto que dentro dela existem manhãs, tardes, noites, tempestades, cataclismas.

Ele tem, na vida subjetiva, os maiores deslumbramentos e venturas.

(...) A noite interior é a orgia do branco. Há em tudo, no céu, nas estrelas; nas coisas e nas almas, um branco ideal.

E então, a terra sofre uma transfiguração deslumbrante.

Na noite tudo se dilui na luz branca. Tudo: os mistérios, o ignoto, Deus, as coisas, os séculos, o mundo, os astros, tudo se desvenda e se dilui, verdadeiro e tangível, desfeito em luz, em luz branca e tênue. Então o artista goza a extrema ventura. A noite fá-lo feliz, inteiramente feliz.

Mas bem efêmera é a tranqüila felicidade. Quando expira a noite, sufocada por uma explosão de sol, domina-o uma desdita enorme. Volta a torturá-lo a esmagá-lo, o conflito de seus sentimentos. É, aí, o maior desgraçado do mundo. Sente um desânimo horrível, uma angústia atroz, uma ânsia injustificável, o

desespero espantoso de sua derrota, de sua covardia. Olha para os sonhos... tão grandes!

Tem delírios e visões trágicas. Sua alma se ensangüenta. Chora como uma criança...” (2004I, s/p).

## 7.5

### **Nelson Rodrigues – Zola In: *O Baú de Nelson Rodrigues***

“Zola viveu e morreu alvo das injúrias e do desprezo universais. A sua sinceridade altiva e incorruptível, a nobre insolência de suas atitudes, de suas idéias, de suas convicções e, sobretudo, a visão lúcida e positiva dos fenômenos da vida e do mundo que lhe norteava os gestos de escritor fizeram com que o apontassem como um inimigo da sociedade, da moral e da religião.

E ele viveu sua vida miserável de pensador, de observador, de apóstolo da verdade, sempre e sempre animado de uma ânsia enérgica de devassar completamente o supremo mistério. De atingir o fundo do supremo abismo, de transpor o supremo horizonte — viveu essa vida repudiado, insultado, escarnecido. Ninguém compreende, ressalvada está claro, a exceção dos espíritos lúcidos, que, a obra titânica de Zola, com sua escandalosa franqueza e sua rude verdade, é uma obra larga e maravilhosa, cuja psicologia e observação contribuem prodigamente para a história da alma e da vida. O que a consciência universal compreende, unicamente, com sua prodigiosa estreiteza, é que o artista maravilhoso, a ‘Obra’ torna-se obscena, repugnante, desde que os homens de seus romances dizem palavrões e as mulheres bebem e são adúlteras. Desta forma, é vedada a entrada dos livros de Zola nas casa onde, porventura, exista um pingão de moralidade, um pingão de respeito, um pingão de religião. As donzelas ficam de todas as cores, recolhem o rosto rubro de pudor, quando ouvem o nome, apenas o nome, de Zola, homem impuro, despido de princípios salutareos e autor de volumes profanos, em cujo texto rebentam ‘nomes feios’ e aparecem cenas indecentes.

Parece que o naturalismo, aquele franco, galhardo, nobre naturalismo do autor de ‘Germinal’ fracassou. Viveu uma vida instantânea. Enquanto a geração de que Zola era o chefe trabalhou, ainda se praticava a prosa forte, cujo mal foi o de reproduzir honestamente, a traços ríspidos e cortantes, a vida real, essa vida em

que vivemos, vida de lodo e de luz, de miséria e de glória. Segundo afirmam os excelentes arautos da moralidade, o naturalismo é um gênero de literatura, onde a vida aparece deturpada e imunda, onde os homens são porcos, sacrílegos, depravados, cheios de instintos degradantes e onde só há desgraças, crimes, episódios abomináveis. O naturalismo, enfim, objetiva lançar desânimo aos homens, fazer com que eles vejam a vida por uma forma hedionda e anti-religiosa, e destituí-los dos fortes princípios morais com os quais eles têm conseguido vencer a tentação do pecado ou, melhor, do Satanás. Portanto, que seja abolida essa literatura pecaminosa, cheia de luxúria e de maldades. Entretanto, aqueles que possuem um raciocínio correto e são, sorriem a essas atoardas iconoclastas. Porque eles sentem que a missão da literatura naturalista é sanadora e salutar. A exemplo: qual o efeito que a obra de Zola produz em nós? Ela simplesmente, mostra-nos **a vida tal qual é** (grifo nosso), sem os esplendores hipotéticos que o romantismo descobriu, vida real e humana. Vida cheia de lodo, mas, também, cheia de luz. Libertou-nos de ilusões que um dia haviam de ser destruídas pela brutalidade da vida e do mundo.

Ora, enquanto isso, quais os benefícios que nos proporciona o romantismo, essa encantadora literatura tão cheia de amores, de castos beijos ao luar, de referências soluçantes à lua? Os benefícios são estes: toma as nossas filhas sonhadoras, hipersensíveis e faz com que elas sofram desmaios, palpitem a todo momento, de amor e vão para a janela, lânguidas e merencórias, esperar um príncipe encantado idêntico ao da lenda. Convenhamos que tudo isso é abominável. Zola, entretanto, faz com que as donzelas sejam sensatas, conscientes e tenham uma compreensão prática e lógica da vida.

Os românticos intrujam, mentem cinicamente. E Zola só diz a verdade, essa verdade que é suja e torva, mas, que é, também, luminosa e pura.

De resto, ainda que os argumentos que venho exibindo fracassem, tenho esse outro, que vou mostrar-vos no período seguinte. Há, em verdade, nos livros de Zola, palavras inúmeros, cenas repulsivas, episódios torpes. Mas, não é o grande romancista, o culpado. Antes, é a vida e o homem... A vida está cheia de pus, de chagas e esses berros.

Mas a vida e o homem, também, guardam ainda, mercê de Deus, alguma beleza. Por isso Zola fez trabalhos cheios de glórias e de sol, onde em tudo há

alegria, bondade, felicidade. Ele fez tipos abomináveis, cheios de perversão, de maldade, de torpeza, mas fez tipos cheios de elegância, de pureza, de doçura.

Sendo assim, escreveu ‘Germinal’. É um teatro vastíssimo, onde milhões de operários se debatem, torturados, angustiados, revoltados. Vemos esses vultos anônimos em cujo peito magro e deprimido rebentam as maiores tragédias, os mais formidáveis cataclismas — vemos esses vultos na sua vida sombria, escura, abafada. E compreendemos o seu desespero, a sua agonia obscura, a elaboração surda de milhares de sentimentos de revolta, de rancor. Eles correm ao álcool, inconsoláveis, aflitos, buscando o esquecimento transitório de tanta dor, de tanta miséria. É o álcool, que os consola, que lhes dá a ilusão da felicidade pelo esquecimento da desventura, arruína-os com uma lentidão sádica. Arruína-os e vai arruinar os seus filhos, vai ferir estes, com o reflexo da miséria moral e da miséria física do pai, ambas conseguidas pelo gasto excessivo de energias, numa vida de aflições constantes, de trabalho infernal, de desprezo pela vida.

(...) É ‘Germinal’, a obra de mais emoção, de mais vibratibilidade, de Zola. Uma obra duma vida intensa e trepidante... Ela apanha um lado infeliz da vida, por isso é amarga, sombria, deprimente.

(...) A obra de Zola (...) é perpétua, porque é sustentada por muitos anos de estudo, de observação, de pensamento. Mais tarde, quando o homem deixar de ser o homem de hoje, quando a vida sofrer uma transformação completa e se despojar de qualquer vestígio da vida atual, os livros de Zola terão um precioso valor histórico. Porque definem uma época e um homem extintos ...” (2004I, s/p).

## 7.6

### **Joseph Frank – *Dostoiévski 1865 a 1871: os anos milagrosos***

“Para resolver esse dilema temático particular, Dostoiévski recorre ao famoso sonho final de Raskolnikóv, o sonho em que ele vê ‘o mundo todo (...) condenado a uma peste terrível, nova e estranha, que vinha das profundezas da Ásia’. Este sonho, como todos os outros do livro, emerge das profundidades de sua psiquê moral e emotiva e, como eles, é a resposta de sua consciência às suas idéias. Sua lógica é respondida não por algum tipo de refutação racional, mas pela visão desse subconsciente horrorizado (que em Dostoiévski é usualmente moral,

como o é também em Shakespeare). O sonho representa nada menos que a *universalização* da doutrina das ‘pessoas extraordinárias’ defendida por Raskolnikóv, a materialização imaginária de um mundo cujos habitantes em sua totalidade acreditam que são ‘extraordinários’ e no qual todos tentam pôr essa crença em prática. A peste é causada por ‘alguma espécie de novos micróbios (...) que atacam o corpo, mas esses micróbios eram dotados de inteligência e de vontade’; e as pessoas atacadas tornaram-se ‘loucas e furiosas’ ao mesmo tempo em que acreditavam que haviam alcançado novas alturas de sabedoria e autoconhecimento. ‘Nunca os homens se haviam considerado tão inteligentes e de posse total da verdade quanto esses contaminados. Nunca haviam considerado suas decisões, suas conclusões científicas, suas convicções morais tão infalíveis’. ‘Obviamente, a doença permite que cada pessoa preserve as ‘convicções morais’ e inspira um desejo de iluminar os outros com a verdade dessas convicções de modo a tomar-se um benfeitor da humanidade. ‘Cada um pensava que somente ele tinha a verdade e atormentava-se em olhar os outros, batia no peito, chorava e torcia as mãos’.

Mas a certeza de cada ego em sua própria infalibilidade, e a segurança e autoridade absoluta partilhadas por essa certeza, leva ao rompimento de todas as normas e valores comuns. ‘Eles não sabiam como julgar e não conseguiam combinar o que chamar de mal, o que de bem; não sabiam a quem acusar, a quem absolver. As pessoas se matavam umas às outras numa espécie de raiva absurda’. Nenhuma forma de coesão social podia resistir ao contágio dessa praga; mesmo quando os homens não estavam se matando uns aos outros, era-lhes impossível colaborar em alguma tarefa comum. ‘As pessoas se reuniam em grupos, combinavam fazer alguma coisa juntas, juravam não se separar, mas no mesmo instante começavam algo diferente daquilo que haviam proposto.’ Assim, a peste elimina a base implícita de consenso sobre a qual está fundamentada a sociedade humana, e o resultado final é o caos social total. ‘Houve conflagrações, começou a fome. Todas as pessoas e todas as coisas eram destruídas’. ‘No mundo todo somente alguns conseguiam se salvar, eram os puros e escolhidos, destinados a fundar uma nova raça e uma nova vida, a renovar e purificar a terra, mas ninguém vira essas pessoas em parte alguma, ninguém ouvira as suas palavras e as suas vozes’. Reaparece, assim, o mito de uma nova raça de elite, sobre as ruínas de um

mundo demolido pela disseminação da mesma crença nas ‘pessoas extraordinárias’.

Vemos aqui Dostoiévski destruindo os últimos resquícios da convicção obstinada de Raskolnikóv segundo a qual um egoísmo supremo podia combinar-se com conseqüências sociais benévolas. Ao contrário, o reinado universal de semelhante egoísmo levaria ao colapso total da sociedade. Suponhamos que todos fossem ‘pessoas extraordinárias’; o resultado seria o mundo hobbesiano do pesadelo febril de Raskolnikóv, a guerra de todos contra todos. Esse é o mundo da sociedade ocidental tal qual Dostoiévski descreveu em *Notas de Inverno*, o mundo em que ‘o ego se coloca em oposição, como um princípio separado, que se justifica a si mesmo, contra toda a natureza e todos os outros seres humanos; ele reclama igualdade e valor igual com o que quer que exista fora dele mesmo’. Na verdade, não é somente igualdade que cada ego reclama agora, mas superioridade absoluta; e essa é a praga que chegou até à Rússia, vinda não da Ásia mas da própria Europa, para infectar a intelectual idade radical: a praga de amoralidade moral baseada no egoísmo e que culmina numa forma de autodeificação. Dessa maneira, Dostoiévski emprega a técnica típica de sua imaginação escatológica para dramatizar todos os perigos implícitos da nova ideologia radical.

O sonho de Raskolnikóv fornece um clímax impressionante ao principal tema ideológico do livro e, com efeito, é o final propriamente dito.” (2003, 201-203).

## 7.7

### **Carta de Bakúnin In: Joseph Frank – *Dostoiévski 1865 a 1871: os anos milagrosos***

“Por exemplo: você recebeu Nietcháiev graças à nossa carta de recomendação, você o aceitou como pessoa de confiança, você o recomendou a seus amigos. (...) Aqui está ele, transplantado para o seu mundo — e o que fará primeiro? Primeiro ele lhe contará um monte de mentiras para aumentar sua simpatia e sua confiança; mas não se deterá aí. As tépidas simpatias de homens que são devotados à causa revolucionária apenas em parte e que, além dessa causa, têm outros interesses humanos como o amor, a amizade, a família, as

relações sociais — essas simpatias não são, aos olhos dele, um alicerce suficiente e em nome da causa tentará obter algum controle sobre você completamente sem que você perceba. Para fazer isso, ele o espionará e tentará apoderar-se de todos os seus segredos; e, em sua ausência, sozinho em seu quarto, abrirá todas as suas gavetas e lerá a sua correspondência. Se uma carta lhe parecer interessante, isto é, comprometedor de qualquer ponto de vista que seja ou para você ou para um de seus amigos, irá roubá-la e guardá-la com muito cuidado como um documento contra você ou contra seu amigo. (...) quando, numa reunião geral, o acusamos de fazer isso, ele teve a coragem de dizer: — ‘Bem, sim, esse é o sistema que usamos. Consideramos nossos inimigos todos aqueles que não estão conosco *por inteiro*, e temos o dever de enganá-los e de comprometê-los’. Isso significa todos aqueles que não estão convencidos do sistema que usam e não concordaram em aplicá-lo a si mesmos.

Se você o apresentar a um amigo, sua primeira preocupação será semear a discórdia entre vocês dois através do mexerico e da intriga, numa palavra, provocar uma briga. Se seu amigo tiver uma esposa, uma filha; tentará seduzi-las, engravidá-las, a fim de afastá-las violentamente da moral oficial e lançá-las num protesto revolucionário forçado contra a sociedade.

Todos os vínculos pessoais, toda amizade, todo [sic.] eles consideram um mal, que têm o direito de destruir — porque tudo isso constitui uma força que, por estar fora da organização secreta, diminui o único poder que esta tem. Não me diga que estou exagerando: tudo isso foi amplamente revelado e provado. Ao ver-se assim exposto, o pobre Nietcháiev continua tão ingênuo, tão infantil, apesar de sua perversidade sistemática, que achou possível me converter — chegou a me implorar para desenvolver essa teoria numa revista russa que propôs fundar. Ele traiu a confiança de todos nós, roubou nossas cartas, comprometeu-nos terrivelmente, em suma portou-se como um vilão. Sua única desculpa é seu fanatismo! É tremendamente ambicioso sem saber, porque acabou identificando a causa da revolução com a sua própria (...).

Convença M. de que a segurança de sua família exige que rompa relações com ele completamente. Deve manter Nietcháiev longe de sua família. O sistema deles, a alegria deles, é seduzir e corromper as mocinhas; dessa maneira controlam toda a família. Lamento muito que tenham sabido do endereço de M. porque serão capazes de denunciá-lo. Pois não tiveram a coragem de admitir para

mim francamente, na presença de uma testemunha, que a denúncia de um membro — dedicado totalmente ou apenas em parte — é um dos meios que consideram legítimo e às vezes útil? (...) Estou tão assustado com o fato de terem descoberto o endereço de M. que pedi a ele que mudasse de residência em segredo, para que não possam descobri-la.” (ibid., 576-577).

## 7.8

### **Sigmund Freud – *A horda primeva* In: *Obras Completas***

“Em 1912 concordei com uma conjectura de Darwin, segundo a qual a forma primitiva da sociedade humana era uma horda governada despoticamente por um macho poderoso. Tentei demonstrar que os destinos dessa horda deixaram traços indestrutíveis na história da descendência humana e, especialmente, que o desenvolvimento do totemismo, que abrange em si os primórdios da religião, da moralidade e da organização social, está ligado ao assassinato do chefe pela violência e à transformação da horda paterna em uma comunidade de irmãos. Para dizer a verdade, isso constitui apenas uma hipótese, como tantas outras com que os arqueólogos se esforçam por iluminar as trevas dos tempos pré-históricos, uma ‘estória mais ou menos’, como foi divertidamente chamada por um crítico inglês sem maldade; porém essa hipótese para mim tem mérito se se mostrar capaz de trazer coerência e compreensão a um número cada vez maior de novas regiões.

Os grupos humanos apresentam mais uma vez o quadro familiar de um indivíduo de força superior em meio a um bando de companheiros iguais, quadro que também é abarcado em nossa idéia da horda primeva. A psicologia de um grupo assim, como a conhecemos a partir das descrições a que com tanta freqüência nos referimos, o definhamento da personalidade individual consciente, a focalização de pensamentos e sentimentos numa direção comum, a predominância do lado afetivo da mente e da vida psíquica inconsciente, a tendência à execução imediata das intenções tão logo ocorram: tudo isso corresponde a um estado de regressão a uma atividade mental primitiva, exatamente da espécie que estaríamos inclinados a atribuir à horda primeva.

Assim, o grupo nos aparece como uma revivescência da horda primeva. Do mesmo modo como o homem primitivo sobrevive potencialmente em cada

indivíduo, a horda primeva pode mais uma vez surgir de qualquer reunião fortuita; na medida em que os homens se acham habitualmente sob a influência da formação de grupo, reconhecemos nela a sobrevivência da horda primeva. Temos de concluir que a psicologia dos grupos é a mais antiga psicologia humana; o que isolamos como psicologia individual, desprezando todos os traços do grupo, só depois veio a ser notório a partir da velha psicologia de grupo, através de um processo gradual, que talvez possa, ainda, ser descrito como incompleto. Posteriormente nos arriscaremos à tentativa de especificar o ponto de partida desse desenvolvimento.

Uma reflexão mais demorada irá demonstrar-nos sob que aspecto essa afirmativa exige uma correção. A psicologia individual, pelo contrário, deve ser tão antiga quanto a psicologia de grupo, porque, desde o princípio, houve dois tipos de psicologia, a dos membros individuais do grupo e a do pai, chefe ou líder. Os membros do grupo achavam-se sujeitos a vínculos, tais como os que percebemos atualmente; o pai da horda primeva, porém, era livre. Os atos intelectuais deste eram fortes e independentes, mesmo no isolamento, e sua vontade não necessitava do reforço de outros. A congruência leva-nos a presumir que seu ego possuía poucos vínculos libidinais; ele não amava ninguém, a não ser a si próprio, ou a outras pessoas, na medida em que atendiam às suas necessidades. Aos objetos, seu ego não dava mais que o estritamente necessário.

Ele, no próprio início da história da humanidade, era o 'super-homem' que Nietzsche somente esperava do futuro. Ainda hoje os membros de um grupo permanecem na necessidade da ilusão de serem igual e justamente amados por seu líder; ele próprio, porém, não necessita amar ninguém mais, pode ser de uma natureza dominadora, absolutamente narcisista, autoconfiante e independente. Sabemos que o amor impõe um freio ao narcisismo, e seria possível demonstrar como, agindo dessa maneira, ele se tornou um fator de civilização.

O pai primevo da horda não era ainda imortal, como posteriormente veio a ser, pela deificação. Se morria, tinha de ser substituído; seu lugar era provavelmente tomado por um filho mais jovem, que até então fora um membro do grupo, como qualquer outro. Deve existir, portanto, uma possibilidade de transformar a psicologia de grupo em psicologia individual; há que descobrir uma condição sob a qual tal transformação seja facilmente realizada, como é possível às abelhas transformarem, em caso de necessidade, uma larva numa rainha em

lugar de uma operária. Pode-se imaginar apenas uma possibilidade: o pai primevo impedira os filhos de satisfazer seus impulsos diretamente sexuais; forçara-os à abstinência e, conseqüentemente, aos laços emocionais com ele e uns com os outros, que poderiam surgir daqueles de seus impulsos antes inibidos em seu objetivo sexual. Ele os forçara, por assim dizer, à psicologia de grupo. Seu ciúme e intolerância sexual tornaram-se, em última análise, as causas da psicologia de grupo.

Quem quer que se haja tornado seu sucessor recebeu também a possibilidade de satisfação sexual e, por esse meio, lhe foi dada uma saída para as condições de psicologia de grupo. A fixação da libido na mulher e a possibilidade de satisfação sem qualquer necessidade de adiamento ou acúmulo puseram fim à importância daqueles entre seus impulsos sexuais que se achavam inibidos em seu objetivo, e permitiram ao seu narcisismo elevar-se sempre, até chegar a seu apogeu total.

(...) A seguir, como algo especialmente instrutivo, podemos dar ênfase à relação que existe entre o ardil pelo qual um grupo artificial se mantém unido, e a constituição da horda primeva. Vimos que, com o exército e a Igreja, esse artifício é a ilusão de que o líder ama todos os indivíduos de modo igual e justo. Mas isso constitui apenas uma remodelação idealística do estado de coisas na horda primeva, onde todos os filhos sabiam que eram igualmente perseguidos pelo pai primevo e o *temiam* igualmente. Essa mesma remoldagem sobre a qual todos os deveres sociais se erguem, já se acha pressuposta pela forma seguinte da sociedade humana, o clã totêmico. A força indestrutível da família como formação natural de grupo reside no fato de que essa pressuposição necessária do amor igual do pai pode ter uma aplicação real na família.

Nós, todavia, esperamos mais ainda dessa derivação do grupo a partir da horda primeva. Ela deveria também ajudar-nos a entender o que ainda é incompreensível e misterioso nas formações de grupo, tudo o que jaz escondido por trás das enigmáticas palavras ‘hipnose’ e ‘sugestão’. E acho que isso também pode ser bem-sucedido. Relembremos que nela a hipnose tem algo de positivamente misterioso, mas a característica de mistério sugere algo de antigo e familiar que experimentou uma repressão. Consideremos como a hipnose é induzida. O hipnotizador afirma que se acha de posse de um poder misterioso que despoja o sujeito de sua própria vontade ou, o que é a mesma coisa, o sujeito crê

nisso. Esse poder misterioso (que ainda hoje é muitas vezes popularmente descrito como ‘magnetismo animal’) deve ser o mesmo poder encarado pelos povos primitivos como a fonte do tabu, o mesmo poder emanante dos rei e chefes de tribo e que torna perigoso o aproximar-se deles (*mana*). Imagina-se, então, que o hipnotizador esteja na posse desse poder. E como o manifesta? Dizendo ao sujeito para olhá-lo nos olhos: seu método mais típico de hipnotização é pelo olhar. Mas é precisamente a *visão* do chefe que é perigosa e insuportável para os povos primitivos, tal como, mais tarde, a da Divindade é para os mortais. O próprio Moisés teve de agir como intermediário entre seu povo e Javé, de vez que o povo não poderia suportar a visão divina, e quando retornou da presença de Deus seu rosto resplandecia: um pouco do *mana* lhe havia sido comunicado, tal como acontece com o intermediário entre os povos primitivos.

É verdade que também se pode evocar a hipnose por outras maneiras, como, por exemplo, fixando os olhos sobre um objeto brilhante ou escutando um som monótono. Isso pode equivocar e já ocasionou teorias fisiológicas inapropriadas. Na realidade, esses procedimentos servem apenas para desviar a atenção consciente e mantê-la retida. A situação seria a mesma, se o hipnotizador houvesse dito ao sujeito: ‘Agora, preocupe-se exclusivamente com a minha pessoa; o resto do mundo é totalmente desinteressante.’ Naturalmente, seria tecnicamente desaconselhável a um hipnotizador fazer tal declaração; ela arrancaria o sujeito de sua atitude inconsciente e o estimularia a uma oposição consciente. O hipnotizador evita dirigir os pensamentos conscientes do sujeito para suas próprias intenções e faz a pessoa com quem realiza a experiência mergulhar numa atividade na qual o mundo está fadado a parecer-lhe desinteressante. Ao mesmo tempo, porém, o sujeito está, na realidade, concentrando inconscientemente toda a sua atenção no hipnotizador e entrando numa atitude de *rapport*, de transferência, para com ele. Assim, os métodos indiretos de hipnotizar, iguais a muitos procedimentos técnicos utilizados para fazer chistes, têm o efeito de controlar certas distribuições de energia mental que interfeririam com o curso dos acontecimentos no inconsciente, e acabam por levar ao mesmo resultado que os métodos diretos de influência através do olhar fixo ou das batidas.

Ferenczi (1909) realizou a descoberta real de que, quando o hipnotizador dá a ordem para dormir, o que com frequência se faz no começo da hipnose, ele

está se colocando no lugar dos pais do sujeito. Pensa ele que dois tipos de hipnotismo devem ser distinguidos: um persuasor e tranqüilizador, segundo ele modelado na mãe, e um outro ameaçador, que deriva do pai. Ora, na hipnose a ordem para dormir significa, nem mais nem menos, uma ordem para afastar do mundo todo o interesse e concentrá-lo na pessoa do hipnotizador. E ela é assim entendida pelo sujeito, pois nessa retração de interesse do mundo externo reside a característica psicológica do sono e nela se baseia o parentesco entre este e o estado de hipnose.

Pelas medidas que toma, o hipnotizador desperta no sujeito uma parte de sua herança arcaica que também o tornara submisso aos genitores e experimentara uma reanimação individual em sua relação com o pai; o que é assim despertado é a idéia de uma personalidade predominante e perigosa, para com quem só é possível ter uma atitude passivo-masoquista, a quem se tem de entregar a própria vontade, ao passo que estar com ele, ‘olhá-lo no rosto’, parece ser um empreendimento arriscado. Só de uma outra maneira semelhante podemos representar a relação do membro individual da horda primeva com o pai primevo. Como sabemos de outras reações, os indivíduos preservaram um grau variável de aptidão pessoal para reviver velhas situações desse tipo. Um certo conhecimento de que, apesar de tudo, a hipnose é apenas um jogo, uma renovação enganadora dessas antigas impressões, pode contudo remanescer e cuidar para que haja uma resistência contra quaisquer conseqüências demasiado sérias da suspensão da vontade na hipnose.

As características misteriosas e coercivas das formações grupais, presentes nos fenômenos de sugestão que as acompanham, podem assim, com justiça, ser remontadas à sua origem na horda primeva. O líder do grupo ainda é o temido pai primevo; o grupo ainda deseja ser governado pela força irrestrita e possui uma paixão extrema pela autoridade; na expressão de Le Bon, tem sede de obediência. O pai primevo é o ideal do grupo, que dirige o ego no lugar do ideal do ego. A hipnose bem pode reivindicar sua descrição como um grupo de dois. Aqui fica como definição para a sugestão: uma convicção que não está baseada na percepção e no raciocínio, mas em um vínculo erótico.” (1997, s/p).

## 7.9

**J. M. Coetzee – De Dostoiévski In: *Diário de um ano Ruim***

“Noite passada, li de novo o quinto capítulo da segunda parte de *Os irmãos Karamázov*, o capítulo em que Ivã devolve seu ingresso de admissão ao universo que Deus criou, e me vi chorando descontroladamente.

São páginas que li inúmeras vezes antes, porém, ao invés de me acostumar com sua força, me vejo mais e mais vulnerável diante delas. Por quê? Não que eu simpatize com a posição bastante vingativa de Ivã. Ao contrário dele, acredito que a maior de todas as contribuições à ética política foi dada por Jesus, quando propôs que os injuriados e ofendidos entre nós oferecessem a outra face, rompendo assim o ciclo de vingança e retaliação. Então, por que Ivã me faz chorar apesar do que sinto?

A resposta não tem nada a ver com ética nem com política, e tudo a ver com retórica. Em seu incisivo discurso contra o perdão, Ivã, sem nenhuma vergonha, usa o sentimento (crianças martirizadas) e a caricatura (proprietários cruéis) para comunicar seus objetivos.

Muito mais poderoso que a substância de seu argumento, que não é forte, é o tom de angústia, de angústia pessoal de uma alma incapaz de suportar os horrores deste mundo. É a voz de Ivã, como concebida por Dostoiévski, não sua argumentação, que me arrebatava.

Esse tom de angústia é real? Ivã ‘realmente’ sente o que diz sentir, e o leitor, como resultado disso, ‘realmente’ compartilha dos sentimentos de Ivã? A resposta a essa pergunta é perturbadora. A resposta é Sim. O que se reconhece, no momento mesmo em que se ouvem as palavras de Ivã, em que a pessoa se pergunta se ele acredita genuinamente naquilo que diz, em que a pessoa se pergunta se quer se levantar e segui-lo para devolver seu ingresso também, em que a pessoa se pergunta se não é mera retórica (‘mera’ retórica) o que está lendo, em que a pessoa se pergunta, chocada, como um cristão como Dostoiévski, seguidor de Cristo, pode permitir que Ivã pronuncie palavras tão poderosas — no meio disso tudo, existe espaço para pensar também: Glorioso seja! Por fim vejo, diante de mim, a batalha levada ao mais alto nível! Se a alguém (Aliosha, por exemplo) é permitido vencer Ivã, por palavras ou exemplo, então de fato a palavra de Cristo estará para sempre justificada! E, portanto, se pensa: *Slava*, Fiódor

Micailovitch! Que seu nome ressoe para sempre no panteão da fama!”(2007, 17-18).